

# Docência de música e a diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica

**Gabriela Garbini Wenning**

PPGMUS - UFRGS  
ggw.musica@gmail.com

## Comunicação

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um projeto de dissertação de mestrado em música que tem como objetivo compreender como professores/as de música da educação básica vivenciam a diversidade de gênero e sexualidade ao ensinarem música na escola. Fundamenta-se na ideia de que gênero e sexualidade são formas plurais de conceber a própria identidade, de experimentar prazeres, desejos e afetos. O objetivo da pesquisa foi elaborado a partir de revisão de literatura que apontou, de um lado, a música como construtora de ideias e identidades de gênero e sexualidade e, de outro, a escassez de dados sobre como professores/as atuantes na educação básica percebem e lidam com a diversidade de gênero e sexualidade. A coleta de dados será realizada por meio de um grupo de discussão, técnica que privilegia o debate, a contestação e o descortinamento das visões de mundo e conhecimentos dos sujeitos. Os resultados da presente pesquisa poderão contribuir para ampliar o conhecimento disponível sobre uma dimensão da docência de música na educação básica ainda pouco explorada pela área de educação musical e subsidiar propostas de formação para que professores/as sintam-se preparados/as para lidar com a diversidade de gênero e sexualidade, presente na sociedade.

**Palavras-chave:** docência de música; diversidade de gênero e sexualidade; educação básica.

## Introdução

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o projeto de dissertação de mestrado que trata da diversidade de gênero e sexualidade na docência de música. O interesse pelo tema partiu de minhas vivências

como mulher e professora de música da educação básica. Meu envolvimento com questões de gênero e sexualidade emergiu a partir de uma situação de violência sexual<sup>1</sup> sofrida em 2007 que me colocou em contato com os estudos feministas e estudos de gênero e sexualidade.

No Brasil, dados estatísticos<sup>2</sup> apontam que uma mulher é assassinada a cada duas horas, totalizando a morte de 4.657 mulheres. No entanto, apenas 533 desses casos foram classificados como feminicídio (crime cometido contra uma mulher pela condição de ser mulher). De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>3</sup>, além dos assassinatos de mulheres, em 2016 foram registrados 50.000 casos de estupro em todo país, 4% a mais que no ano de 2015. Além dos dados alarmantes sobre violência de gênero, os dados sobre homofobia e transfobia parecem ser mais assustadores. Em decorrência do alto índice de violência às pessoas Trans, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos. O Brasil é o país que mais mata pessoas Trans<sup>4</sup>, totalizando 123 mortes em 2016. Um estudo<sup>5</sup> realizado em 2016, com 1.016 jovens, pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABLGBT), divulgou que um em cada quatro estudantes relatou ter sofrido agressões físicas na escola pelo fato de ser gay. Esse grupo social também apresenta elevado índice de evasão escolar, assim como os/as alunos/as LGBTT (MOREIRA, 2012).

Atuando como professora de música da educação básica, ficou difícil não levar meu “olhar” de gênero e sexualidade para a escola, para a sala de aula, para minhas aulas e para minha relação com meus alunos e alunas. Apesar de dispositivos legais e políticas públicas buscarem garantir o respeito à diversidade de gênero e sexualidade, como procurarei demonstrar a seguir, na escola, como professora de música, presenciei diversas situações assentadas nas questões de gênero e

1 Artigo 213 do Código Penal, pela Lei n. 12.015 de 2009, entende como “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”

2 Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_mulheres.php](http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php)

3 Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>

4 Disponível em: <http://redetransbrasil.org/dossiecirc2016.html>

5 Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>

sexualidade, muitas das quais provocaram-me dúvidas e angústias em relação à minha postura como professora. Em sala de aula, não era raro ouvir comentários homofóbicos e machistas dos/as alunos/as e essas situações de discriminação aconteciam em diferentes momentos da aula de música, as quais, por vezes, provocavam discussões acaloradas entre alunos/as. Não era raro, também, ouvir comentários discriminatórios de colegas professores/as sobre aqueles/as alunos/as que não se encaixavam na “norma”.

Ao buscar bases legais e políticas públicas relacionadas ao respeito aos sujeitos, constatei que a promoção de ações educativas com vistas à equidade de gênero e sexualidade encontra respaldo na Constituição Federal (BRASIL, 1988), através do artigo 3º, inciso IV, com os objetivos fundamentais da República de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”; e do artigo 5º, que prevê que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988). Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reconhece o respeito à tolerância, conforme seu artigo 3º, incisos I e IV (BRASIL, 1996), e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCN), de 2010, consideram a diversidade de gênero e sexualidade como componente que deve integrar as ações educativas, um princípio da educação não discriminatória e democrática (BRASIL, 2010). Nas Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para formação continuada (Resolução CNE/CP n. 02/2015), a diversidade de gênero e sexualidade compõe um dos princípios da equidade e deverá ser garantida nos cursos de formação como conteúdo relacionado aos fundamentos da educação (BRASIL, 2015).

No campo das políticas educacionais brasileiras, um importante documento que buscava garantir o respeito à diversidade é o Plano Nacional de Educação (PNE), um conjunto de diretrizes, metas e estratégias para a política educacional, projetado para os dez anos seguintes. Entretanto, o Senado Brasileiro, em 2014, alterou esse documento, substituindo a ênfase que mencionava gênero e orientação sexual por:

fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar dos beneficiários de programas de transferência de renda, bem como das situações de discriminação, preconceitos e violências na escola, visando ao estabelecimento de condições adequadas para o sucesso escolar dos alunos. (BRASIL, 2014, p. 1).

No Plano Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (PEE/RS), em seu Artigo 2º, constam doze diretrizes, que não mencionam gênero, mas mencionam o princípio do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à orientação sexual. O Plano Municipal de Educação de Porto Alegre (PME) apresentava menções referentes ao monitoramento do acesso e permanência no ensino, das situações de discriminação, violência e preconceito, porém, em 2016, as expressões “gênero”, “estudos de gênero”, “sexualidade” e “orientação sexual” foram retiradas desses documentos, assim como da última versão da Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil e o ensino fundamental (BRASIL, 2017).

Como é possível observar, apesar da existência de dispositivos legais e de políticas públicas desenvolvidas para garantir o respeito aos sujeitos, essa garantia está sob questionamento. Considerando o contexto até aqui delineado, e a fim de delimitar os objetivos deste projeto, busquei examinar, na literatura, como a temática gênero e sexualidade vem sendo investigada pela área de educação musical.

## Revisão de literatura

Estudos sobre educação musical e gênero, de acordo com Loizaga Cano (2005, p. 164), surgiram na década de 60 do século XX, nos Estados Unidos e na Inglaterra, tendo como focos principais o processo de ensino-aprendizagem, na perspectiva das relações de gênero, e a construção de identidades através da música.

Lamb, Dolloff e Howe (2002), em revisão da literatura anglófona sobre estudos feministas, estudos de gênero e educação musical, apresentam um breve resumo do feminismo, estudos sobre mulher, estudos sobre gênero na educação musical e uma revisão histórica das mulheres na educação musical. As autoras indicam que a área de educação musical acompanhou parcialmente a cronologia histórica do feminismo, em comparação às áreas da música e da educação.

Em sua revisão, Loizaga Cano (2005) também analisa as contribuições dos estudos de gênero para a educação musical e aponta que as últimas tendências em pesquisa estão voltadas para investigar grupos com diferentes identidades de gênero, historicamente marginalizados ou “grupos relacionados a outros tipos de construções de gênero, em resumo, coletivos humanos diferentes” (LOIZAGA CANO, 2005, p. 167).

Grande parte das pesquisas sobre gênero encontradas em minhas buscas mencionam o livro *Music, gender and education*, de Lucy Green, publicado originalmente em 1997. Em pesquisa realizada com professores/as de música, Green (2001) mostra como são percebidas as diferenças entre meninos e meninas no que se refere aos estilos e atividades musicais. Para Green (2001), as práticas musicais na escola reproduzem modelos históricos da sociedade em conformidade com a distinção de feminilidade e masculinidade.

Entre os estudos desenvolvidos no Brasil, um dos trabalhos identificados em minhas buscas é a dissertação de mestrado de Silva (2000) sobre a construção da identidade de gênero no espaço escolar. Segundo essa autora, declarar a identificação com determinados gêneros musicais implica a obtenção de rótulos que podem desmerecer a condição feminina ou masculina.

Ribeiro (2007), em pesquisa etnográfica na escola, analisa as concepções de gênero e sexualidade da comunidade escolar sobre uma banda da escola, cujos integrantes, em sua maioria, são gays e lésbicas. A banda da escola é entendida como um refúgio, lugar de liberdade, e representa um símbolo de identidade sexual.

Lacorte (2009), por sua vez, em estudo etnográfico sobre as diferenças de aprendizagens e performance entre meninos e meninas do ensino médio de uma escola de Brasília (DF), verificou que as meninas possuíam menor engajamento do que os meninos, apesar de declararem interesse em aprender a tocar um instrumento musical.

Outras pesquisas realizadas em contexto escolar investigam representações de gênero na música (PAGES; WILLE, 2017) ou utilizam a música como facilitador metodológico para discutir as questões de gênero e sexualidade, tal qual Dutra (2016) o fez em seu trabalho de conclusão de curso, ao investigar questões de gênero, assédio, machismo e violência em músicas brasileiras, com alunos/as do ensino fundamental e médio.

Já Fernandes et al. (2015), apresentam reflexões sobre as influências da música na sala de aula em relação à sexualidade. O funk representa um exemplo emblemático da intersecção entre música e sexualidade, que, no ponto de vista desses autores, “dita um modelo de machismo incutido nas letras e nas danças, reproduzindo a mulher objeto que é construída historicamente desde da nossa colonização” (FERNANDES et al., 2015, p. 1668).

Em contraponto às reflexões de Fernandes et al. (2015), Gripp e Pippi (2013) entendem o funk como uma forma de emancipação do

feminino, pois as mulheres falam sobre seus desejos, suas dificuldades, seus afetos (ou desafetos) e seus sonhos. Gripp e Pippi (2013, p. 8) percebem “no gênero musical funk uma tentativa de disseminação da ideologia feminista buscando estabelecer a igualdade de gênero pelas necessidades, haja vista a presença de sexismo”.

Assim como o funk, as bandas filarmônicas nordestinas também são caracterizadas como um campo de reserva masculina. Moreira (2013) analisa a participação feminina em bandas filarmônicas nordestinas e chega à conclusão de que, apesar de a atuação feminina nesses grupos ser ainda minoritária, esse panorama está em processo de modificação.

Tanaka-Sorrentino (2012) analisa o processo de ensino e aprendizagem de conhecimentos musicais e busca ressaltar a relação existente entre mulher-música-educação, num contexto de aprendizagem não formal comunitário. A pesquisadora pôde verificar o crescimento (musical) das mulheres e dos referenciais pessoais de seus pares, com base na experiência prática.

Piserchia (2014) verificou, em pesquisa com alunos/as de licenciatura em música, diferenças entre os gêneros masculino e feminino no que se refere à formação anterior à entrada nos cursos. Por fim, a pesquisa de Siedlecki (2016) teve por objetivo “investigar os discursos de licenciandos/as em música acerca da diversidade de gênero e sexualidade, em suas relações com a música”. A autora identifica que há diferentes formas de significar a diversidade de gênero e sexualidade. No que se refere aos saberes que compõem esses sistemas de significação, eles não foram reconhecidos pelos entrevistados/as como construídos em seus cursos de formação. A articulação entre música, gênero e sexualidade é, na perspectiva dos/as licenciandos/as, campo de silêncio na formação.

Essa revisão sinalizou que ainda são escassos os estudos na área de educação musical que abordem a perspectiva de professores/as de música, o que me levou a ampliar minha busca e examinar pesquisas

oriundas de outras áreas do conhecimento, em maior concentração no ensino fundamental e educação infantil e, em menor concentração, no ensino médio, educação de jovens e adultos (EJA) e outras modalidades de ensino (AVILLA et al., 2011; BORGES, 2016; CONCEIÇÃO, 2012; MADUREIRA, 2007; MOSTAFA, 2009; NARDI, QUARTIERO, 2012; NUNES, 2002; RIZZATO, 2016; TORRES, 2009). O despreparo para lidar com situações que exigem intervenção do/a professor/a apareceu como uma dificuldade ou insegurança, presente em todos os níveis de ensino. Em sua totalidade, os trabalhos revisados culminam na exposição de limitações e dificuldades que os/as professores/as têm enfrentado na escola para lidar com questões ligadas a gênero e sexualidade.

Embora gênero e sexualidade tenham se tornado temas públicos, de interesse da sociedade, e objeto de políticas públicas, a literatura indica que há conflitos e diferentes posicionamentos. A educação escolar tem sido campo de embates em relação ao seu papel, tendo em vista a garantia do respeito à diversidade. A música, em particular, participa da construção de nossas ideias acerca de gênero e sexualidade, assim como de nossas identidades de gênero e de sexualidade. No entanto, a literatura da área de educação musical, especialmente a nacional, indica que ainda são escassos os dados sobre como os professores/as de música atuantes na educação básica percebem e têm lidado com a diversidade de gênero e sexualidade.

Com base nessa revisão de literatura, esta pesquisa se propõe a compreender como professores/as de música da educação básica vivenciam a diversidade de gênero e sexualidade na docência de música. Como objetivos específicos, busca: examinar quais significados sobre diversidade de gênero e sexualidade são compartilhados por professores/as; compreender como professores/as lidam com os sujeitos da diversidade ao ensinarem música; identificar se, e como, a diversidade de gênero e sexualidade vem sendo trabalhada por professores/as de música da educação básica; identificar dificuldades e desafios que



professores/as de música da educação básica enfrentam em relação à diversidade de gênero e sexualidade ao ensinarem música na escola.

## **Gênero e sexualidade: algumas definições**

Os conceitos de gênero e sexualidade, localizados nos campos teórico e político dos estudos feministas, estudos de gênero, estudos da sexualidade e teoria *queer*, promovem um deslizamento de noções consagradas que nomeiam os sujeitos e suas identidades a partir dos descritores do corpo e da matriz biológica. Apresento, nesta comunicação, definições que concebem gênero e sexualidade como construtos que se contrapõem à ordem supracitada.

Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos. (LOURO, 2008, p.7).

De modo a ultrapassar as fronteiras do binarismo masculino/feminino, o conceito de gênero foi ampliado ao longo da história, de modo a abarcar diversas identidades, incluindo aquelas não hegemônicas, como as pessoas travestis, transgêneros, transexuais e tantas outras identidades, que possibilitaram um alargamento de concepções há muito tempo naturalizadas historicamente. Uma pessoa que nasce com órgãos genitais femininos pode se perceber como homem, da mesma forma que uma pessoa que nasce com órgãos genitais masculinos pode se perceber como mulher ou até mesmo não se enxergar em nenhuma das definições disponíveis.

A identidade de gênero então pode ser considerada como algo que não é dado e, sim, construído e vivenciado ativamente por cada homem e mulher a partir dos elementos fornecidos por sua cultura, ou pelo fato de alguém se sentir masculino e/ou feminino, num processo contínuo e dinâmico, não dado no nascimento e, a partir daí, marcado para sempre, ou seja, é uma construção social/cultural e histórica, uma aquisição, uma performance, uma atuação. (...) O que consideramos masculino ou feminino é apenas o resultado de convenções sociais e não aquilo que cada um/a vivencia e expressa individualmente na construção de sua identidade de gênero. (MAIO; JUNIOR, 2014, p.103).

Paralelamente às abordagens que concebem gênero como construto cultural/social, a sexualidade vem ampliando seu espectro, reafirmando e aperfeiçoando seu processo de diferenciação. A sexualidade é uma dimensão da vida social do indivíduo, na qual as práticas sexuais são continuamente ressignificadas, sob influência das transformações políticas e sociais que atravessam a sociedade e das transformações tecnológicas que medeiam as relações entre os sujeitos. Neste trabalho, sexualidade se refere

às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais. No campo teórico dos estudos feministas, gênero e sexualidade são, ambos, constructos sociais, culturais, históricos. No entanto, essa não é uma formulação amplamente aceita, especialmente quando se trata da sexualidade. Nesse terreno, mais do que em qualquer outro, os argumentos da "natureza" parecem falar mais alto. (LOURO, 2000, p. 64).

## **Gênero e sexualidade na escola**

A escola, por muito tempo, preservou total resguardo acerca das discussões de gênero e sexualidade por achar que tais questões eram restritas à esfera privada do convívio social. Com um olhar desperto, é possível observar que estudantes ocupam e circulam pela escola de maneiras distintas. Louro (2003, p. 61) indica que, no processo de construção do corpo escolarizado, todos os sentidos são treinados por meio de “gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir”. Nesse processo, Louro (2016, p. 25) observa a complexa tarefa que a escola assume em estimular uma sexualidade “normal” e simultaneamente contê-la. A vigilância sobre a sexualidade dos/as alunos/as é redobrada, principalmente nas meninas, e acompanhada de uma forte rejeição da homossexualidade (LOURO, 2016, p. 27).

Para Rotondano (2016, p. 48), a escola reflete uma “ideologia sexual dominante na sociedade, reproduzindo identidades aparentemente rígidas e fixas no tempo”, que não são problematizadas e acabam por estigmatizar e patologizar outras possibilidades identitárias. Professores e professoras, como apontado por Meyer e Soares (2012, p. 45), não estão ausentes nesse processo de pedagogização da sexualidade; pelo contrário, estes/estas incorporam as abordagens normativas em seus processos pedagógicos quando se deparam com questões de gênero e sexualidade, balizando essas situações como o que é normal e o que é desviante.

Como consequência desse processo pedagógico que hierarquiza os sujeitos, diversos estudos na área da educação apontam significativas disparidades nos percursos escolares de alunos e alunas. Em pesquisa realizada em escola pública de Porto Alegre, Seffner (2014) afirma que o desempenho escolar de meninas tem se revelado mais elevado que o de meninos em função dos percursos escolares distintos entre meninos e

meninas. O autor revela que meninos associam o bom desempenho escolar à feminilidade, às suas colegas meninas, afastando a escola do despertar de seus interesses.

A escola tem atuação efetiva na construção das identidades, seja hierarquizando práticas, seja acionando dispositivos que operam no regulamento e disciplinamento dos corpos. As diferenças de gênero e sexualidade trazem implicações substanciais para a trajetória escolar de cada indivíduo, e, por isso, é importante pensar a escola - e com ela, a música - em articulação com tais marcadores sociais.

## Metodologia

Durante o processo de elaboração deste projeto, procurava por uma estratégia de investigação que permitisse conhecer as percepções, opiniões e concepções dos sujeitos. Por isso, o grupo de discussão pareceu-me ser a possibilidade mais adequada, pois permite estabelecer significados de fenômenos, a partir dos pontos de vista dos participantes/as.

Weller (2006, p. 241) define os grupos de discussão como prática investigativa que “privilegia as interações com uma maior inserção do pesquisador no universo dos sujeitos”. Segundo a autora, o discurso é um produto ideológico, dos quais o dito e o não-dito também compõem a materialidade do objeto de estudo.

Para realizar esta pesquisa, decidi investigar professores/as de música da educação básica em atividade em Porto Alegre e região, por ser a cidade em que resido, a fim de facilitar a coleta de dados. Os/As colaboradores/as foram convidados/as a participar da pesquisa por meio de convite divulgado nas redes sociais (*Whatsapp, Facebook e e-mail*). No convite, também solicitei aos/às professores/as que repassassem o convite

para outros/as professores/as que conhecessem, ou que, indicassem outros/as colegas, seguindo a técnica de amostragem por bola de neve<sup>6</sup>.

Para o grupo de discussão, elaborei um roteiro de perguntas, acompanhadas de imagens e vídeo, previamente selecionadas para enriquecer o debate. Esse roteiro foi estruturado com base nos objetivos da pesquisa e na revisão de literatura. A primeira parte do roteiro é direcionada a questões sobre gênero e sexualidade na educação, com o objetivo de que os/as participantes discutam sobre os debates políticos e a pertinência do tema à escola e à docência de música. Na sequência, são apresentadas perguntas sobre situações específicas de ensino, dificuldades e desafios em lidar com as questões de gênero e sexualidade na aula de música. A última parte do roteiro solicita que os/as participantes comentem o vídeo que mostra cenas de entrevistas, com músicos/musicistas e professores/as sobre as relações de gênero na música e a relação entre música e sexualidade a partir de uma matéria sobre funk na aula de música.

Através da divulgação nas redes sociais e de meus próprios contatos profissionais e acadêmicos, obtive retorno de 35 professores/as de música de Porto Alegre e região, que, a princípio, manifestaram interesse em participar da pesquisa. Apenas um/a dos/as professores/as contatados se manifestou contrário ao tema da pesquisa. Considerando a disponibilidade de horários dos/as professores/as que se dispuseram a participar, foi agendado o encontro do grupo de discussão com quatro participantes. Conforme as recomendações da literatura, o grupo de discussão pode ser formado por 5 a 10 pessoas, de acordo com Godoi (2013); 4 a 12, segundo Ribeiro e Newman (2012); e 7 a 10, segundo Meinerz (2011).

Os dados foram coletados no final de junho de 2018 e estão em processo de transcrição. Os procedimentos a serem adotados para sua

---

<sup>6</sup> "A amostragem bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes". (VINUTO, 2014, p. 202-205).

análise serão os apresentados por Weller (2006, p. 251): i) organização da entrevista por tema e subtemas, passagens ou passagens e subpassagens, indicando, por exemplo, se um tema foi iniciado pelo grupo ou se partiu de uma pergunta do entrevistador; ii) seleção das passagens centrais; iii) seleção das passagens de maior relevância para a pesquisa; iv) transcrição da passagem inicial, das passagens de foco e daquelas relevantes para pesquisa; v) reconstrução da estrutura temática da passagem a ser analisada, que também poderá ser dividida em temas e subtemas. O processo de análise, contudo, engloba reescrever o que foi dito pelos/as participantes e atribuir significados, com base em arcabouços teóricos adquiridos sobre o meio pesquisado (WELLER, 2006, p. 249). A análise dos dados compreende a transversalização dos dados, frase a frase, a fim de identificar as semelhanças e também as diferenças.

## Contribuições esperadas

Ao investigar a perspectiva de professores/as que atuam nas escolas, acredito que esta pesquisa poderá ampliar o conhecimento disponível sobre uma dimensão da docência de música na educação básica ainda pouco explorada pela área de educação musical. Espero, ainda, que os resultados desta pesquisa possam subsidiar propostas de formação inicial e continuada de professores/as de música tendo em vista contribuir para que licenciandos/as e professores/as sintam-se preparados para lidar com a diversidade de gênero e sexualidade presente na escola.

## Referências

AVILLA, André Heloy; TONELI, Maria Juracy Figueiras; ANDALO, Carmenilviade Arruda. Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2014.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1o de julho de 2015. Brasília, *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, seção 1, n. 124, p. 8-12, Acesso em: 15 out. 2017. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category\\_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf&category_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192)>.

\_\_\_\_\_. *Base Nacional Curricular Comum*. 3ª Versão. Brasília: MEC, 2017.

BORGES, Rita de Cassia Vieira. *Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2016.

CONCEIÇÃO, Thiago Augusto de Oliveira da. *Práticas de gênero e sexualidade: a produção discursiva sobre o/a professor/a homossexual na docência primária*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém. 2012.

DUTRA, E. H. *Entre versos e prosas - gênero, educação e música: experiência etnográfica nas oficinas do Projeto Papo Sério*. *Cadernos NIG*. Florianópolis: Red Nedel, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/159546/ENTRE%20VERSOS%20E%20PROSAS%20-%202024.02.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 out. 2017.

FERNANDES, Karina Nonato; REINA, Fábio Tadeu; MOKWA, Valéria M. N. F. *A música na sala de aula: reflexões sobre sexualidade na educação básica*.

*Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 10, n. 6, p. 1661-1672, 2015.

GODOI, Christiane Kleinübing. Grupo de Discussão como Prática Grupal de Pesquisa Qualitativa: possibilidades abertas aos estudos organizacionais, *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 55, n. 6, p. 632-644, dez. 2015.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Madrid: Morata, 2001.

GRIPP, Phillip; PIPPI, Joseline. O prazer feminino em discurso: uma análise da presença de ideais feministas em músicas do gênero funk. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA-ALAS. 29., 2013, Chile. *Anais...* Chile: ALAS, 2013. p. 1-9. Disponível em: <[http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11\\_GrippP\\_Pippij.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11_GrippP_Pippij.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2018.

LACORTE, Simone Recôva. Música popular na escola: juventude, gênero e performance. In: *Anais do XVIII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical e 15o Simpósio Paranaense de Educação Musical*, Londrina, 2009, p. 793-799.

LAMB, Roberta; DOLLOFF, Lori-Anne; HOWE, Sondra Wieland. Feminism, Feminist Research, and Gender Research in Music Education: A Selective Review. In: COLWELL, Richard; RICHARDSON, Carol. (Eds.), *The new handbook of research on music teaching and learning: a Project of the Music Educators National Conference*. New York, Oxford University Press, 2002. p. 648-674.

LOIZAGA CANO, María. (2005). Los estudios de género en la educación musical. Revisión crítica. *Musiker: cuadernos de música*, n.1 4, p. 159-172, 2005. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/musiker/14/14159172.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-35

\_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.



\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

\_\_\_\_\_. Corpo, Escola e identidade. In: *Educação & Realidade*, n. 25, jul/dez, 2000, 59-75.

MADUREIRA, A. F. *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MAIO, E. R.; JUNIOR, I. B. O. Corpo, gênero, sexualidades e educação. In: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia Maria; CASTRO, Roney Polato de; BARBOSA, Vanderlei. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 1 ed. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2014, v. 1. p. 97-120.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011.

MEYER, E.; SOARES, R. F. R. Corpo, gênero e sexualidade: desafios para a educação escolar. In: MEYER, D. E. E. et. al. (Orgs.). *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 41-48.

MOREIRA, Yan Faria. Saindo do armário e da escola: índices e causas de evasão de indivíduos não heterossexuais das instituições de ensino. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 2., 2012, Espírito Santo. *Anais...* Espírito Santo: UFES, 2012, s/p.

MOREIRA, Marcos dos Santos. Bandas de Música e Gênero: Uma busca da ativa participação da mulher nordestina. In: *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 66-76, 2013.

MOSTAFA, Maria. *Professores na encruzilhada entre o público e o privado: o curso Gênero e Diversidade na Escola*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 11, p. 59-87, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sex/n11/a04n11.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

NUNES, Maria Dolores de Figueiredo. *Relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar: concepções de duas professoras do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

PAGES, Tamiê; WILLE, Regiana Blank. Educação Musical e Gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. *Anais...* Manaus: ABEM, 2017, s/p. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/congresso2017/cna/paper/viewFile/2781/1481>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

PISERCHIA, Paola. Educação musical e gênero. In: SOARES, José; SCHAMBECK, Regina Finck; FIGUEIREDO, Sérgio. *A formação do professor de música no Brasil*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. p. 117-123. Disponível em: <<https://grupodepesquisamuse.files.wordpress.com/2015/04/ebook-a-formacao-do-professor-de-musica-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.

PORTO ALEGRE (RS). *Lei No 11.858, de 25 de junho de 2015*. Institui o Plano Municipal de Educação (PME). Porto Alegre, 2015. Disponível em: <[lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smed/usu\\_doc/2015\\_pme.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smed/usu_doc/2015_pme.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

RIBEIRO, Cláudia Regina Santos. Uma Certa Banda de Música: representações sobre a homossexualidade numa escola pública. *Revista Educação & Realidade*, v. 32, n. 32, p. 23-47, jul/dez. 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227046003>> Acesso em: 8 nov. 2017.

RIBEIRO, J. L. D.; NEWMANN, C. R. Estudos qualitativos com o apoio de Grupos Focados. In: SEMANA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO SUL-AMERICANA, 6., 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: SEPROSUL, 2006. s/p.

RIZZATO, Liane Kelen. *Percepções de professores/as sobre gênero, sexualidade e homofobia: pensando a formação continuada a partir de relatos da prática docente*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. *Plano Estadual de Educação*. 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/elaboracaopdi2016/links-e>>

arquivos/PEEPlanoEstadualdeEducaoRS.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2017.

ROTONDANO, Erica Vidal. Corpos, gênero, sexualidades: uma reflexão. In: NEVES, A. L. M. N; CALEGARE, F. P. P.; SILVA, I. R. *Escola, Sexualidade e Gênero: perspectivas críticas*. Manaus: UEA Edições, 2016. p. 35-54.

SEFFNER, Fernando.; SILVA, Luciano Ferreira da. Canetas coloridas ou mini-skates? coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar. *MÉTIS: história & cultura*, v. 13, n. 26, p. 31-60, jul./dez., 2014. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/2796>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SIEDLECKI, Vivian Regina. *A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciados/as em música*. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Helena Lopes da. *Música no Espaço Escolar e a Construção da Identidade de Gênero: Um Estudo de Caso*. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

TANAKA-SORRENTINO, Harue. *Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TORRES, Raimundo Augusto Martins. *Sexualidade e relações de gênero na escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Revista Temáticas*, Campinas, 22, (44), p. 203 -220, ago/dez. 2014.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 241-260, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022006000200003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 2 out. 2017.